

Números crescem, mas hotéis seguem vazios

A cidade está vazia de turistas este mês, mas resta um con-
solação aritmética para o Detur.
Segundo estimativas oficiais, o
fluxo turístico brasileiro em
1984 somou um total de 1 milhão
199 mil 970 pessoas, subindo em
1985 para 1 milhão 226 mil 384
visitantes. Houve um aumento
de 26 mil 414 pessoas que visita-
ram Brasília em relação ao ano
anterior. E como os números
não mentem jamais, o crescimento
continua em 86, com
mais 24 mil 587 turistas que vieram
passar em Brasília este
ano, isto é, o saldo dos primei-
ros cinco meses de 85 que somou
125 mil 841 visitantes em
relação ao total de 150 mil 428
que visitaram a cidade entre janeiro
e maio deste ano.

Mas se os números continuam
subindo pouco a pouco, pelo visto
isso não chega a ser significa-
tivo para a maioria dos hotéis,
principalmente os de três e qua-
dro estrelas, que continuam em
quase total ociosidade. E tam-
bém pelo que se constatou num
dia ensolarado, o movimento de
ônibus especiais de turismo era
quase nenhum nas portas dos
hotéis e nos pontos tradicionais
de visitação da cidade, a exem-
plo da Catedral e do Memorial
JK.

"Olha, bota aí que os hotéis do
Plano Piloto estão metendo a
faca nos turistas. Depois de pes-
quisar preços, fomos parar num
hotel de duas estrelas de Tagua-
tinga. E lá a gente tem todo o

conforto que tem aqui..."

Quem diz isso é a gaúcha Eli-
zabeth Tondon, de Santa Maria,
que veio de carro e pretende
passar em Brasília "por uns
dois dias, porque não tem muita
coisa para se ver, além disso".
Ela faz parte de um pequeno
grupo de sulistas que visita a
Catedral. E a turista Elizabeth
está gostando da cidade, nesta
sua primeira visita tendo como
base de hospedagem uma
cidade-satélite?

"Tudo aqui é muito lindo,
com essas linhas arquitetônicas
maravilhosas. Mas tudo tam-
bém é muito vazio, muito am-
plo, que dá uma angústia muito
grande na gente, bah!..."

PERDIDOS NO PARAISO

Um senhor do grupo se queixa
da exploração e da falta de fis-
calização. Diz que os vendedo-
res de pedras semipreciosas de
Cristalina estão vendendo "co-
mo se fossem diamantes lapida-
dos e sem nenhum critério de
tabela, justamente agora que os
nossos salários estão congela-
dos". Fazendo coro à denúncia,
a gaúcha Clara Verchon pede
para transmitirmos uma men-
sagem ao ministro da Fazenda:

"Olha, diz ao Fumaro que se
ele não parar com esses pacotes,
a gauchada vai ficar muito
braba e vai acabar amarrando
os seus cavalos na praça dos
Três Poderes. Quem avisa,
amigo é, tchê!"

A advertência em tom de
brincadeira se perde na acústica
da Catedral, onde um enorme
anjo pendurado por arames
olha, indiferente, lá de cima,
para meia dúzia de visitantes
envolvidos pelo silêncio.

No Memorial JK o movimen-
to é um pouco maior, inclusive
porque lá se encontra estacio-
nado um ônibus da Presmic,
realizando um "tour" de três
horas pela cidade com turistas
em trânsito pelo aeroporto de
Brasília. Todos são unânimes
em afirmar que o mausoléu de
Juscelino é uma verdadeira
obra de arte.

"Eu quase chorei...", diz uma
senhora com sotaque castelha-
no.

Na Esplanada dos Ministé-
rios, nas proximidades da Cate-
dral, um casal tenta fotografar
o Congresso, ao fundo. Assusta-
dos, reagem à entrevista como
se estivessem sendo assaltados
no Rio ou em São Paulo. Final-
mente, concordam em dizer al-
guma coisa: são italianos (se re-
cusam a dizer o nome e a serem
fotografados) em trânsito pelo
aeroporto. Alugaram um táxi e
resolveram dar uma volta pela
cidade. Se queixam longamente
da falta de informantes sobre
turismo e de cicerones. E quan-
do perguntamos se pretendem
ficar, ele responde zangado:
"Vamos embora hoje mesmo.
Isto aqui pode ser muito bonito,
mas é um deserto!"